

Rede pública oferece tratamento ultrapassado contra o câncer de colo de útero, que exige cinco dias de internação. Técnica mais moderna reduz o tempo das sessões para, no máximo, duas horas

Rotina penosa e constrangedora

ANA BEATRIZ MAGNO

DA EQUIPE DO CORREIO

Inspeção do Ministério Público e da Comissão de Direitos Humanos no serviço oncológico do Hospital de Base constatou ontem que mulheres com câncer de colo de útero estão recebendo um tratamento cruel e defasado tecnologicamente. As pacientes fazem a chamada braquiterapia de baixa dose. Significa até cinco dias de internação num quarto isolado, sem visitas e com uma fonte radioativa implantada no canal vaginal, próxima ao local do tumor. Elas não podem se locomover e recebem uma dieta constipante. É uma rotina penosa e constrangedora que poderia ser evitada com o uso de equipamentos mais avançados, inexistentes na rede pública do DF porém encaixotados desde maio de 2005, num canteiro de obras do Hospital Universitário da Universidade de Brasília (HUB).

O equipamento do HUB é chamado de sistema braquiterapia de alta dose e com ele as pacientes sequer ficam internadas. As sessões demoram entre 10 minutos e duas horas. O aparelho custou R\$ 613 mil e serviria para equipar o maior centro público de radioterapia do DF, projeto que está parado há quase dois anos, e se transformou numa novela burocrática entre a UnB, o Ministério da Saúde e a Secretária de Saúde.

“Claro que eu preferia um tratamento mais moderno. Imagine, só 10 minutos. Uma beleza. Vou ficar aqui nessa sala até sexta-feira. Ninguém pode nem ficar comigo porque posso transmitir radiação”, lamenta Aldeci de Souza Silva, de 63 anos, há oito meses com diagnóstico de câncer de colo de útero. Já fez quimioterapia e radioterapia. “Para a radio, demorei 2 meses e 40 dias até conseguir marcar, porque o aparelho vivia quebrado”, conta.

Acelerador

O acelerador linear, principal equipamento da radioterapia, continua quebrado, conforme constatarem os integrantes do MP e da Comissão de Direitos Humanos. “Tudo isso é muito humilhante para as mulheres. Primeiro, um tratamento que demanda tanto sofrimento e que poderia ser evitado. Imagine, o que eram cinco dias podem ser 10 minutos. É muita diferença”, desabafa a deputa Érika Kokai (PT), presidente da Comissão, que hoje ouvirá o secretário de Saúde, José Geraldo Maciel, sobre a crise da oncologia do DF, assunto que o *Correio Braziliense* vem denunciando há mais de um mês.

Os últimos sinais do colapso do serviço oncológico datam de meados de fevereiro, quando técnicos da multinacional Siemens constaram que ratos haviam roído a fiação do acelerador linear e provocado um curto-circuito no aparelho, que continua quebrado e ainda sem data prevista para o conserto. O caso provocou a abertura de uma investigação do Ministério Público exclusivamente sobre o tratamento de câncer em Brasília. Ontem, a titular da Segunda Promotoria de Defesa dos Usuários da Saúde, Cátia Gisele dos Santos Vergara, visitou pela segunda vez o hospital e deparou com novas cenas vergonhosas. A mais espantosa ocorreu na sala de espera dos serviços de quimioterapia e de radioterapia. Ali, sob os pés de dezenas de cidadãos doentes, havia um bueiro de esgoto aberto. “Isso é um descaso. Uma barbaridade”, lamentava a promotora.

“Doutora está assim desde agosto do ano passado, quando minha mulher começou o tratamento. De lá para cá ninguém fechou o buraco. O cheiro é cada dia pior”, lamenta o aposentado Raimundo Lopes da Silva, 72 anos, casado com dona Raimunda, que luta contra um câncer de intestino e contra o descaso com a saúde pública.

Iano Andrade/CB



ACOMPANHANTE DA MULHER NAS SESSÕES DE QUIMIOTERAPIA, RAIMUNDO LOPES DA SILVA APONTA O BUEIRO DE ESGOTO ABERTO NA SALA DE ESPERA DOS SERVIÇOS DE ONCOLOGIA DO HBB

O QUE É BRAQUITERAPIA

● A braquiterapia é uma técnica de combate ao câncer por meio de radiação ionizante emitida por uma fonte colocada próxima ou no local do tumor. O tratamento é bastante usado em tumores ginecológicos.

Há dois tipos de braquiterapia — a de baixa dose e a de alta dose. A rede

pública do DF possui apenas o aparelho de baixa dose. Sua fonte é o cério 137. As pacientes têm de ficar internadas por até cinco dias. Permanecem em quartos isolados, não podem evacuar nem tomar banho e urinam através de sondas. Tampouco recebem visitas durante o tratamento.

O sistema de braquiterapia de alta dosagem é uma técnica mais moderna e muito mais confortável para a mulher. A paciente sequer fica internada. Cada sessão dura em média 10 minutos e no máximo duas horas. Um aparelho custa cerca de R\$ 615 mil e sua fonte radioativa é o iridium.

Fonte: Instituto Nacional de Câncer (Inca)

DESPERDÍCIO

R\$ 613.854,79

é quanto custou o sistema de braquiterapia de alta dose que, desde maio de 2005, está encaixotado num canteiro de obras do HUB. A rede pública do DF não tem aparelho semelhante e as mulheres são obrigadas a enfrentar um penoso tratamento num aparelho defasado tecnologicamente no Hospital de Base

Sufrimento evitável

O câncer de colo de útero mata cerca de 230 mil mulheres por ano no mundo. Ao todo são 471 mil novos casos anuais, 80% deles em países pobres. O Brasil é um deles. O Ministério da Saúde estima que 19 mil mulheres vão descobrir a doença em 2007, o que representa um risco estimado de 20 casos por cada 100 mil mulheres. No DF há, em média, 220 novos casos por ano. Em 2006, mais de 50 mulheres morreram da doença em Brasília.

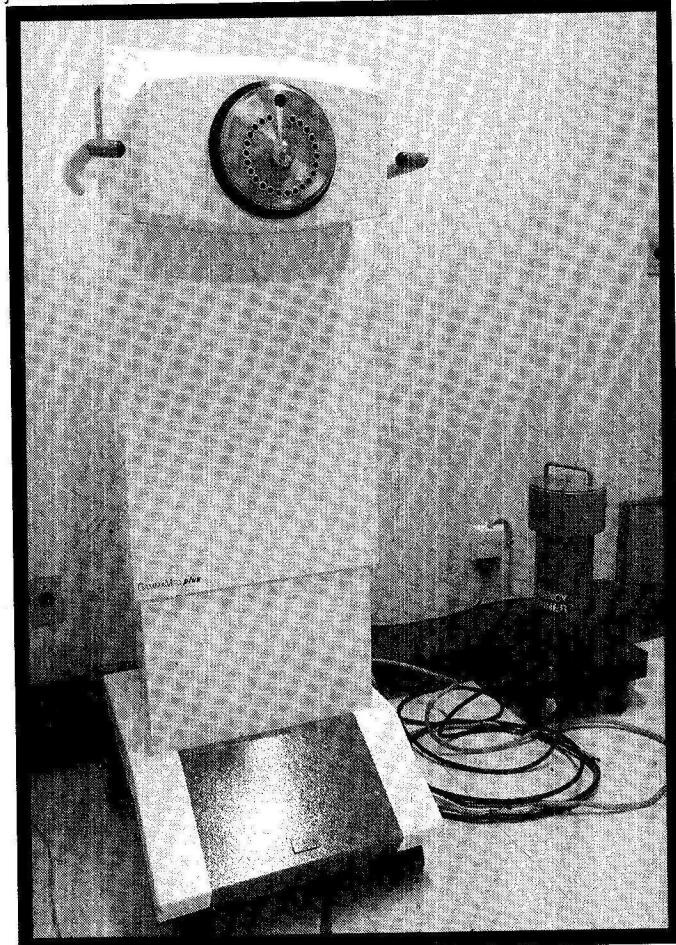
O perigo do câncer de colo de útero varia de acordo com o estágio em que ele é descoberto. Nos países mais ricos, onde os exames ginecológicos preventivos são feitos com frequência, cerca de 69% das pacientes sobrevivem. Já nos países em desenvolvimento o percentual não chega a 50%, segundo o Instituto Nacional de Câncer (Inca).

Os médicos calculam que cerca de 80% das mortes pela doença poderiam ser evitadas por meio de exames de rastreamento preventivo em mulheres com vida sexual ativa entre 25 e 65 anos de idade. Esse exame é conhecido como teste de Papanicolaou e deve ser realizado uma vez a cada três anos nas mulheres com menos de 49 anos de idade, e a cada cinco anos depois dos 50 anos.

A medicina já descobriu que a principal causa do câncer de colo de útero é o vírus do papiloma humano, transmitido sexualmente, e mais prevalente em mulheres com iniciação sexual precoce, com múltiplos parceiros, e sem o uso devido de preservativo. Outros fatores de risco são o tabagismo e o uso de anticoncepcionais orais. (ABM)

O MODERNO E O ARCAICO

José Varella/CB - 24/2/07

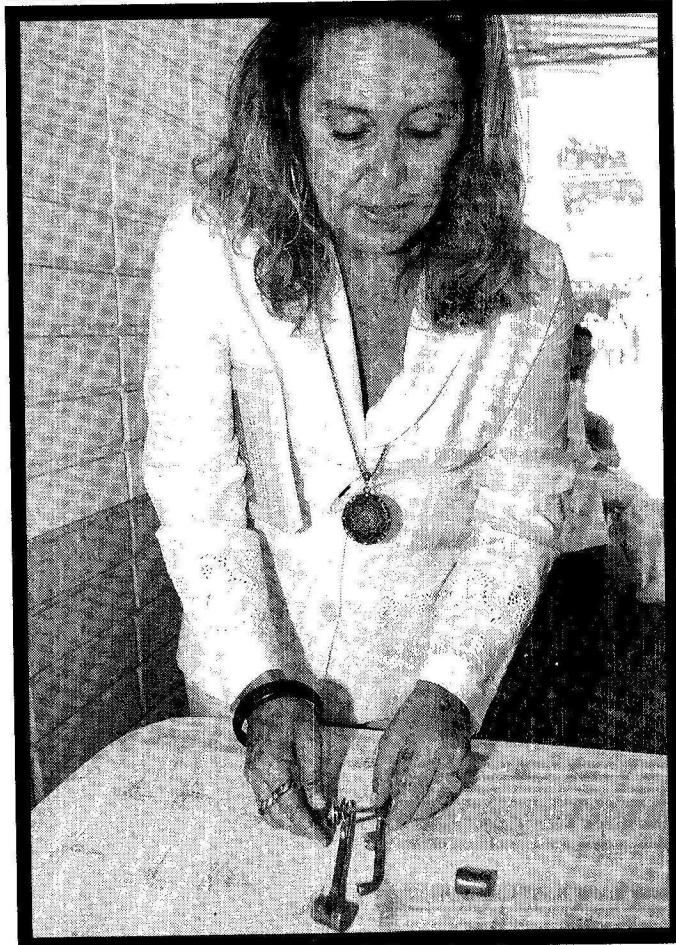


À esquerda, o aparelho de braquiterapia do Inca, que utiliza a técnica de alta dose, desenvolvida há mais de 10 anos, e oferece comodidade para as pacientes. A maior delas é a dispensa de internação. As sessões duram entre 15 minutos e duas horas, dependendo da extensão do tumor. A área que vai receber a radiação é definida pelo

médico por meio de planejamento computadorizado. A paciente faz sessões diárias de tratamento e recebe uma espécie de implante radioativo que entra em contato com área a ser tratada.

A direita, o sistema de braquiterapia de baixa dose do Hospital de Base. Ferros são colocados, através do canal vaginal, no co-

Iano Andrade/CB



lo do útero da paciente. Esses metais protegem a fonte radioativa de cério e ficam implantados na paciente por até cinco dias. O tratamento requer internação.

Não há na rede pública do DF o aparelho de alta dose nem o sistema computadorizado de planejamento das dosagens radioativas.